

ENÉAS CARNEIRO E O PRONA: NACIONALISMO E CONSERVADORISMO NO BRASIL PÓS-DITADURA MILITAR

Guilherme Esteves Galvão Lopes*

Resumo: O presente artigo busca compreender o surgimento do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), fundado em 1989 por Enéas Carneiro (1938-2007), e sua inserção no cenário político brasileiro até sua fusão com o Partido Liberal (PL), em 2006. Defendendo temas morais, criticando a classe política brasileira e combatendo as reformas neoliberais, sobretudo no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), o PRONA identificou-se com o conservadorismo e o nacionalismo, ocupando, até sua extinção, considerável espaço na direita política brasileira.

Palavras-chave: Conservadorismo – Enéas Carneiro – PRONA

Abstract: The present article aims to comprehend the rise of the National Order Reedification Party (PRONA), founded in 1989 by Enéas Carneiro, and its insertion in the Brazilian political scenario until its merge with the Liberal Party (PL), in 2006. By defending moral themes, criticizing the Brazilian political class and against the neoliberal reforms, mostly in Fernando Henrique Cardoso government (1995-2003), PRONA identifies with its traditionalism and nationalism, holding until its extinction considerably most of the right wing in Brazil politics.

Keywords: Conservatism – Enéas Carneiro – PRONA

Em 1989, nas primeiras eleições presidenciais diretas realizadas desde 1960, 29 partidos lançaram 22 candidatos que concorreram ao cargo máximo do Brasil. Destacavam-se na disputa políticos conhecidos, como os ex-governadores Leonel Brizola (PDT), Fernando Collor de Mello (PRN) e Paulo Maluf (PDS); os senadores Mário Covas (PSDB) e Affonso Camargo (PTB); o ex-vice-presidente da República Aureliano Chaves (PFL), e os deputados Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Roberto Freire (PCB), Guilherme Afif Domingos (PL) e Ulysses Guimarães (PMDB), sendo o último ex-presidente da Assembleia Nacional Constituinte.

De acordo com a legislação em vigor, os partidos que possuíssem apenas o registro provisório poderiam concorrer. Dentre as diversas siglas fundadas com o intuito de lançar candidatos a presidente, figurava o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), fundado pelo médico acriano Enéas Carneiro.

Nascido em 1938, Enéas foi militar do Exército. Formou-se em Matemática, Física e Medicina, especializando-se em cardiologia, sendo autoridade nacional na área. O médico resolveu fundar o PRONA depois que sua ex-mulher, cansada de suas reclamações a respeito da situação política do país, sugeriu que ele fundasse um partido e se candidatasse a

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ). Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Munteal Filho. Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves. E-mail: guilhermegalvaolopes@gmail.com.

presidente.¹ Enéas recolheu assinaturas de 112 alunos, ex-alunos, amigos e colegas de profissão e fundou o partido, que obteve o registro provisório em 29 de junho de 1989 com o número 56. Em pouco tempo, o PRONA já estava organizado em 14 unidades da federação e 110 municípios.²

Após polêmicas acerca dos registros provisórios de legendas inexpressivas e da divisão do tempo de TV entre os 34 candidatos inicialmente apresentados, o PRONA conseguiu filiar o Deputado Federal Gustavo de Faria, eleito pelo PMDB fluminense.³ O receio era não obter tempo de televisão ou registro da candidatura de Enéas em virtude de não possuir deputados ou senadores, parâmetro utilizado também na seleção de candidatos para programas de debates.

Criticando a Constituinte, prometendo fazer um governo “com determinação e decisão”, falando de ordem e usando a frase “Não aguento mais o que está aí” em sua propaganda,⁴ Enéas conseguiu atrair minúscula parcela do eleitorado, notadamente os de perfil conservador. Dispondo de poucos segundos no horário eleitoral, o bordão “meu nome é Enéas” tornou-se marca registrada de sua carreira política.

A participação de Enéas no programa *Jô Soares Onze e Meia*, do *SBT*, foi o ponto alto de sua paupérrima campanha. O próprio Jô Soares declarou que a entrevista foi bem sucedida e que Enéas era uma figura “curiosa”, por chamá-lo o tempo todo de “senhor” e pela maneira como discursava⁵. Insatisfeito com o tratamento dispensado pela imprensa e pelo pouco tempo de TV, considerado por Enéas uma “esmola”, ele gravou seu programa de governo em fitas K7 e as distribuiu pelo país. Aos poucos, seu *slogan* passou a ser repetido por eleitores e simpatizantes em todo o país, sendo parodiado até em propagandas e programas de TV.

Ao fim do 1º turno, o desempenho de Enéas foi modesto: o 12º lugar, com 360 mil votos, cerca de 0,5% do total. Apesar da pequena votação, Enéas foi considerado uma das revelações daquelas eleições, pelo seu poder de síntese e por suas ideias conservadoras. Seu perfil era caricato, fugindo do estereótipo do político profissional: careca, com densa barba preta, óculos grandes de lentes grossas, de fala nervosa e rápida, Enéas repudiava marqueteiros e propagandas eleitorais elaboradas.

No 2º turno, anunciou que não apoiaria Fernando Collor e nem Luís Inácio Lula da Silva (Lula), e revelou que no passado chegou a ser marxista por breve período. Revelando sobre sua carreira militar, chegando ao posto de 3º sargento do Exército, lamentou o golpe de 1964, ao afirmar que “aquilo foi uma tristeza muito grande”.⁶ Declarou o voto nulo, “porque um dos candidatos é semianalfabeto e o outro analfabeto”, afirmando ainda que trabalharia

para eleger deputados e senadores do PRONA, e que se candidataria apenas à Presidência da República.⁷

Em maio de 1990, o PRONA conquistou o registro definitivo. Paralelamente ao andamento do registro, foi iniciada a discussão sobre a criação de novas siglas partidárias e uma eventual cláusula de desempenho (ou de barreira), impondo votações mínimas para que partidos políticos continuassem existindo, recebendo parcelas do fundo partidário e gozando de tempo de televisão.

O último ponto, inclusive, envolveu o PRONA em uma grande batalha no Congresso, pois os grandes partidos, como o PMDB, consideravam vários dos pequenos partidos “siglas de aluguel”. O tempo de televisão destinado ao PRONA foi duramente questionado, com várias acusações de beneficiamento pessoal através do horário eleitoral contra Enéas Carneiro, dentre elas a de que se lançava como “garoto-propaganda” em comerciais. A crise, no entanto, foi contornada, e a discussão sobre a cláusula de desempenho, dentro de uma reforma eleitoral, foi adiada para 2006, depois da pressão dos “nanicos” e de legendas médias.⁸

Meses depois, durante o horário eleitoral obrigatório semestral reservado ao PRONA, Enéas afirmou que o Brasil estava “doente”, criticou Collor por lançar a economia na desordem e justificou sua formação: ele estava incomodado com a própria ignorância. Prometeu, ainda, se candidatar a presidente em 1994.⁹ Aos poucos, ao tornar-se figura frequente em debates e entrevistas na TV, suas ideias políticas ganharam maior notoriedade.

Em 1994, Enéas cumpriu sua promessa e, mais uma vez, candidatou-se a presidente, quando concorreu com o, então, Senador e Ex-ministro, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), apontado como um dos criadores do Plano Real; Luiz Inácio Lula da Silva, derrotado no 2º turno em 1989; e os Ex-governadores Leonel Brizola (PDT), Orestes Quécia (PMDB) e Esperidião Amin (PPR).

No debate da *TV Bandeirantes*, Enéas defendeu a redução da carga tributária e a diminuição da taxa de juros.¹⁰ O *Jornal do Brasil* deu destaque à propaganda do PRONA, no qual, pela primeira vez, um candidato a presidente pediu dinheiro no horário eleitoral. Enéas anunciou o lançamento de seu livro *Um grande projeto nacional* e ofereceu bônus de campanha a R\$ 25.¹¹

Enéas levantou temas morais em sua propaganda, como a defesa da família contra “cenas de lascívia” na televisão, em horário nobre.¹² Defendeu também o “Estado soberano, que detenha controle das questões estratégicas”.¹³ Em diversas ocasiões, criticou os institutos de pesquisa, que colocavam-no entre os “nanicos”. Defendeu também, durante seus

programas de TV, a saúde pública e a previdência social. Um levantamento do *Jornal do Brasil* mostrou que os candidatos mais criticados por Enéas foram Lula e Fernando Henrique. Os temas mais abordados pelo candidato do PRONA foram ética, saúde e educação, sendo também crítico do Plano Real.¹⁴

Disputando o cargo com nomes já consagrados, surpreendentemente Enéas conseguiu seu melhor desempenho em eleições presidenciais: 4 milhões e 670 mil votos (7,3%), ficando em 3º lugar geral, sendo ultrapassado apenas por Fernando Henrique e Lula. Em diversas unidades da federação, os votos em Enéas foram superiores à sua média nacional. No Rio Grande do Sul, São Paulo, Amapá e Distrito Federal, o candidato do PRONA alcançou votação superior a 9%. Enéas declarou gastos de apenas R\$ 137 mil em sua campanha, sendo R\$ 120 mil oriundos de recursos próprios.¹⁵

Quatro anos depois, Enéas foi apontado como *outsider*¹⁶ em virtude de suas polêmicas ideias: “a construção da bomba atômica, a prisão dos responsáveis pelo programa de privatizações e a reversão de todas as reformas econômicas”.¹⁷ Em relação à bomba atômica, tema explorado negativamente pelos adversários, Enéas era enfático: “Se o Japão tivesse a bomba, ninguém se atreveria a ter destruído Hiroshima ou Nagasaki”.¹⁸ O candidato a deputado federal pelo PDT fluminense, Luiz Fernando D'Ávila chegou a ingressar com pedido de impugnação da candidatura de Enéas, por “crime de lesa humanidade, que contraria todos os tratados assinados pelo Brasil”.¹⁹

Em meio às polêmicas, ao sucesso relativo do Plano Real e ao protagonismo dos candidatos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, Enéas despencou dos 7% da pesquisa do *GERP* em março para os 2,13% conquistados nas urnas (1.447.089), terminando a corrida presidencial em 4º lugar, atrás ainda do Ex-governador do Ceará e Ex-ministro Ciro Gomes (PPS).

Nas eleições municipais de outubro de 2000, Enéas foi novamente candidato, desta vez à Prefeitura de São Paulo. A singularidade dessa campanha foi sua participação nos debates televisivos.

Na *TV Bandeirantes*, ao ser indagado pelo candidato José Maria Marin (PSC) sobre esportes, afirmou não entender “absolutamente nada de futebol”, minimizando o questionamento, no que foi retrucado a respeito de suas posições sobre a bomba atômica. Enéas finalizou afirmando que “o domínio do poder nuclear é uma questão de soberania nacional”, e que “prefeito não tem poder para isso”.

No mesmo debate, Enéas envolveu-se em acirrada discussão com o Ex-presidente Fernando Collor de Mello, candidato pelo PRTB. No momento em que deveria perguntar ao

candidato do PRONA, Collor disse apenas “fale qualquer coisa aí”, o que gerou risos da plateia e uma fala indignada de Enéas, que acusou Collor de falar bobagem e dizendo que ele deveria estudar.

Enéas terminou o pleito em 6º lugar, com 190.844 votos (3,46%), sendo Marta Suplicy (PT) a vencedora no 2º turno, com 58,51% contra os 41,49% dos votos destinados ao candidato Paulo Maluf (PPB).

Visando a sucessão presidencial, o cenário não favorecia Enéas: em 2001, pesquisa do *Vox Populi* indicava apenas 4% de preferência entre os eleitores.²⁰ Em março de 2002, pesquisa do IBOPE apontava expressivos 72% de rejeição, com apenas 2% das intenções de voto para presidente.²¹ A repercussão do tema bomba atômica figurou entre as prováveis razões para o mau desempenho nas sondagens.

Constando em pesquisas com 4% dos votos para presidente, mesmo um ano antes das eleições, Enéas Carneiro decidiu não candidatar-se a presidente. Sua opção foi a vaga para deputado federal por São Paulo, sendo o mais votado da história do Brasil, com 1.573.642 votos, expressivos 8% do eleitorado paulista. Com sua votação, graças ao quociente eleitoral, outros 5 candidatos foram eleitos com votações inexpressivas: Amauri Robledo Gasques (18.421), Irapuan Teixeira (673), Elimar Máximo Damasceno (484), Ildeu Araújo (382) e Vanderlei Assis (275).

O PRONA também foi campeão de votos para a ALESP: Havanir Nimitz recebeu 682.219 votos, levando consigo mais 3 eleitos com poucos votos. Outros 3 deputados estaduais foram eleitos pelo Rio de Janeiro (2) e Alagoas (1). Naquele ano, o partido não lançou candidato a presidente.

Meses após as eleições, o PRONA sofreu seu maior escândalo: o ex-candidato Jorge Roberto Leite divulgou gravações em que Havanir Nimitz negociaria a venda de vagas na legenda do partido, condicionando a concessão à aquisição de cartilhas de formação política. Após a denúncia, outros candidatos pelo partido confirmaram o pagamento a então vereadora, e a Corregedoria Eleitoral de São Paulo determinou a quebra de sigilo bancário de Enéas, Havanir e do PRONA. Uma comissão foi instalada na Câmara Municipal de São Paulo para apurar as denúncias. No entanto, Havanir escapou da abertura de processo de cassação.

Enéas assumiu o mandato em 2003, e dentre suas propostas estavam a proibição de alimentos em formato de cigarros e a substituição de combustíveis derivados do petróleo por outros produzidos a partir da biomassa, sendo também relator de apenas 8 projetos de lei, a maioria tratando de concessões e outorgas para serviços de radiodifusão.

A principal característica de Enéas e dos parlamentares do PRONA foi o uso da palavra. Enéas discursou 82 vezes, de acordo com as notas taquigráficas da Câmara, principalmente acerca da dívida pública, críticas às medidas econômicas do governo Lula, além de elogios à “revolução” de 1964, ataques ao envio de tropas brasileiras ao Haiti e ao aborto, pedidos de intervenção federal em Rondônia diante de conflitos indígenas e até de renúncia do então presidente Lula.

Em diversos discursos, Enéas justificou suas ausências e a baixa produtividade de seu mandato em função do tratamento contra leucemia a que estava submetido. Elimar Máximo Damasceno, o único que permaneceu no PRONA além de Enéas, usou a palavra por 322 vezes. No total, foram 605 pronunciamentos de parlamentares que passaram pelo PRONA.

Ainda em 2003, Ildeu Araújo, Irapuan Teixeira e Vanderlei Assis trocaram o PRONA pelo Partido Progressista (PP), e Amauri Gasques transferiu-se para o Partido Liberal (PL). Todos eles, em 2006, seriam arrolados no relatório final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) dos Correios, que investigou a “máfia das Ambulâncias”, sugerindo a abertura de processo de cassação contra eles e outros 68 parlamentares.

A última eleição disputada pelo PRONA foi em 2006, com desempenho aquém do de 2002. Foram apenas 2 deputados federais eleitos: o próprio Enéas, com 386.905 votos e Suely Santana (RJ), com 23.459 votos. Novamente, o PRONA não lançou candidato a presidente da República.

No pleito daquele ano, apenas 7 dos 29 partidos brasileiros ultrapassaram os 5% de votos exigidos em âmbito nacional para continuar existindo sem as restrições que a Lei dos Partidos Políticos previa. Alguns partidos iniciaram fusões e incorporações, e o PRONA manifestou interesse em uma fusão com o PL (Partido Liberal).

No entanto, no dia 7 de dezembro, o Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, derrubou a cláusula de barreira, por considerá-la inconstitucional. No entanto, o PRONA e o PL prosseguiram a fusão, criando assim o Partido da República (PR), que obteve o registro em dezembro de 2006. Na ocasião, o PRONA contava com 47 mil filiados.

Pouco depois do fim do PRONA, seu criador, Enéas Carneiro, faleceu de leucemia mieloide aguda, em 6 de maio de 2007, na capital fluminense. Assumiu a vaga Luciana Costa, sua suplente.

Até o surgimento do PRONA, o campo conservador brasileiro dividia-se principalmente entre duas legendas: o PDS (Partido Democrático Social), sucessor da ARENA (Aliança Renovadora Nacional), que em 1993 transformou-se no PPR (Partido

Progressista Reformador); e o PFL (Partido da Frente Liberal), dissidência do PDS surgida em 1985, durante o Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo Neves presidente.

No entanto, após a consolidação da democracia, o PDS entrou em profundo declínio. Sua representatividade na Câmara dos Deputados, por exemplo, caiu dos 235 deputados eleitos em 1982 para 42 em 1990. O PFL, por sua vez, mostrou bastante força eleitoral no Nordeste e nas grandes capitais, conquistando 965 prefeituras em 1992. Embora fossem forças políticas importantes, raramente tratavam em suas plataformas sobre assuntos estruturais, como macroeconomia, relações internacionais, defesa nacional, infraestrutura e biodiversidade.

O PRONA, ao apresentar uma roupagem nacionalista, agradou ao nicho específico do eleitorado, majoritariamente no campo conservador, embora contasse com simpatizantes no campo da esquerda. Enéas foi extremamente crítico ao modelo econômico adotado por Fernando Henrique Cardoso, alinhado ao Fundo Monetário Internacional, que privilegiou as privatizações, o fortalecimento de instituições privadas de crédito, as relações bilaterais com o governo norte-americano e a adoção do câmbio flutuante, acarretando no aumento da dívida pública, no baixo poder de compra do salário-mínimo, na alta vertiginosa dos juros, no desemprego e no aumento do tempo de contribuição para fins de aposentadoria.

Em 1994, uma reportagem da *Folha de São Paulo*, baseada em pesquisa do Datafolha, traçou um perfil do eleitorado de Enéas: desprezo pelos partidos políticos e ao voto. De acordo com a matéria, os eleitores do PRONA rejeitavam elementos essenciais à democracia, aproximando-se do autoritarismo e do integralismo. 21% enxergavam em Enéas “o novo” e outros 19% atribuíam o voto à honestidade do candidato. 59% possuía renda superior a 5 salários-mínimos e 48% havia cursado o 2º grau ou o nível superior.²²

Durante uma palestra proferida na Universidade de São Paulo (USP), no ano de 2000, Enéas Carneiro explanou, de forma mais ampla, seu pensamento político. Ao ser indagado sobre “parecer” ser um conservador, Enéas foi enfático: “eu não pareço, eu sou conservador”. Definiu seu conservadorismo enquanto “o respeito aquilo que é clássico”, e o “clássico não é aquilo que é velho, clássico é aquilo que é eterno”, referindo-se às obras de Adam Smith, Isaac Newton, Luís de Camões, Nicolau Copérnico, Galileu Galilei e Hipócrates como clássicas e obrigatórias. “O fato de eu respeitar e admirar os clássicos não quer dizer que não goste do que é novo. Mas é preciso que se tenha no espírito que o novo só existe porque existiu o velho”.²³

Enéas prosseguiu sua explanação dizendo que não era contra inovar, mas contra destruir. Criticou ainda o socialismo em relação à liberdade de pensamento e de crença. Sobre

seu famoso bordão, declarou que, com apenas 12 segundos, a ideia era fazer com que as pessoas gravassem seu nome, independentemente de gostarem dele ou não.

Na sequência, sendo questionado sobre o seu perfil autoritário, Enéas afirmou que gosta “de autoridade, de ordem, de respeito”, e que está muito distante do nazismo e do fascismo, afirmando que por ser mestiço não poderia aceitar o nazismo, considerado por ele um perigo para o mundo. Sobre a ditadura militar no Brasil, ele afirmou que o militar está habituado ao comando bélico e à obediência, não sendo treinado para dirigir nação. De acordo com Enéas, a ditadura militar foi um fracasso no que diz respeito à liberdade de expressão, classificando a censura como “besteira”, defendendo, no entanto, que o regime alavancou o processo de industrialização do país.

Prosseguindo, afirmou que a educação começou a piorar durante a ditadura, e que os militares atuaram em defesa da segurança nacional, denunciando a presença de geólogos disfarçados de missionários na Amazônia, e que no regime militar “não tinha o que tem hoje”. Segundo Enéas, as Forças Armadas encontravam-se desmoralizadas, sem dinheiro e sem comida. Declarou ser contra a tortura, o aborto e a pena de morte, sendo favorável a tudo que um ser humano tem por direito desde que nasce: respirar, se alimentar, ter uma família, moradia, estudar e “aprender a olhar pra fora e pra dentro de si mesmo, e ver que todos nós integramos uma só família, a família cósmica, situada num planetinha pequenino, um pálido ponto azul, dentro do oceano cósmico”.²⁴

Deste modo, os ideais de Enéas Carneiro e do PRONA enquadravam-se no conservadorismo conforme descrito por Nisbet, no que tange o apego às tradições, o respeito ao que é considerado clássico, além dos valores morais do cristianismo e o combate ao culto à modernidade.²⁵ O fundador do PRONA condenava a desordem e a falta de autoridade, evocando assim o pai do conservadorismo político moderno, Edmund Burke, notável crítico da Revolução Francesa, que responsabilizou-a pelo rompimento violento com as tradições e a ordem sociopolítica daquele país em fins do século XVIII.²⁶

No caso de Enéas, as críticas foram dirigidas às reformas neoliberais, que, segundo ele, objetivavam a destruição do Estado brasileiro, a partir da entrega dos recursos naturais às grandes corporações mundiais; da privatização de setores estratégicos da economia; do desmantelamento e sucateamento das Forças Armadas; do pagamento de juros exorbitantes das dívidas interna e externa; da propagação do descrédito e da baixa autoestima do brasileiro por parte dos veículos da grande mídia; além da destruição da família, como consequência da legalização do uso de drogas e do aborto.²⁷

Para Falcon, o historiador político deve ter atenção e compreensão para analisar os mais diversos fatores, centrais ou adjacentes, que influenciam as relações de poder, como a atuação popular no processo eleitoral, as votações no Congresso Nacional, os agentes políticos e a dinâmica da política cotidiana.²⁸ No caso brasileiro, a consolidação do processo de redemocratização, com a eleição da Assembleia Nacional Constituinte, que elaborou a Carta de 1988, e as eleições de 1989, refletiu o comportamento político brasileiro que, mesmo após anos de regime autoritário, deu preferência aos candidatos de perfil conservador.

Neste sentido, os estudos acerca de Enéas Carneiro e do PRONA mostram-se pertinentes para a compreensão da conjuntura histórica do Brasil entre o fim da ditadura militar, com o conseqüente restabelecimento da democracia, e o declínio do processo neoliberal, no início dos anos 2000. Neste período, no qual o país sofreu profundas transformações, o PRONA, enquanto partido nacionalista, conservador e crítico das reformas, obteve importante papel político.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ *Veja*, edição 1.773, ano 35, nº 41, 16 de outubro de 2002, pp. 52-54

² *Jornal do Brasil*, 19 de julho de 1989, p. 2.

³ *Jornal do Brasil*, 05 de setembro de 1989, p. 2.

⁴ *Idem*, 17 de julho de 1989, p. 2.

⁵ *Idem*, 21 de setembro de 1989, p. 6.

⁶ *Idem*, 18 de novembro de 1989, p. 6.

⁷ *Jornal do Brasil*, 18 de dezembro de 1989, p. 4.

⁸ *Idem*, 24 de dezembro de 1992, p. 4.

⁹ *Tribuna da Imprensa*, 15 de fevereiro de 1991, p. 3.

¹⁰ *Jornal do Brasil*, 17 de agosto de 1994, p. 4.

¹¹ *Jornal do Brasil*, 23 de agosto de 1994, p. 4.

¹² *Idem*, 30 de agosto de 1994, p. 9.

¹³ *Idem*, 03 de setembro de 1994, p. 12.

¹⁴ *Idem*, 01 de outubro de 1994, p. 8.

¹⁵ *Idem*, 02 de dezembro de 1994, p. 3.

¹⁶ Sujeito com comportamento e pensamento próprios, que não se enquadra às convenções de determinado grupo ou sociedade.

¹⁷ *Jornal do Brasil*, 01 de fevereiro de 1998, p. 3.

¹⁸ *Tribuna da Imprensa*, 19 de agosto de 1998, p. 2.

¹⁹ *Tribuna da Imprensa*, 17 de julho de 1998, p. 3.

²⁰ *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 2001, p. 3.

²¹ *Idem*, 22 de março de 2002, p. 3.

²² *Eleitor de Enéas tem perfil conservador; Integralismo*, disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/28/caderno_especial/47.htm, acessado em 02 de setembro de 2015.

²³ *Dr. Enéas - Conservadorismo e o Marketing Político - Parte 6/9*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6UUv51Jc1Nw>, acessado em 15 de setembro de 2015.

²⁴ *Dr. Enéas na USP - Panorama Militar e Carl Sagan - Parte 9/9*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V5EkyMduaOg>, acessado em 15 de setembro de 2015.

²⁵ NISBET, Robert. *O conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

²⁶ BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. São Paulo: Edipro, 2014.

-
- ²⁷ CARNEIRO, Enéas Ferreira. *O Brasil em perigo*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Enéas Ferreira Carneiro LTDA, 1997.
- ²⁸ FALCON, Francisco. *História e poder*. In: FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Recebido em: 19/02/2016

Aprovado em: 07/08/2016